

# DAS CONFIGURAÇÕES TEXTUAL/DISCURSIVAS COMPLEXAS DE GÊNEROS DISCURSIVOS EM EMERGÊNCIA NA WEB

Vicente de Lima-Neto  
Elaine Cristina Forte-Ferreira

## Considerações iniciais

A chegada dos computadores, na década de 1970, e a da internet, na década de 1990, tem sido uma das grandes revoluções que provocaram mudanças comportamentais nas sociedades: comprar, ouvir música, realizar transações financeiras, viajar, estudar, aprender línguas e, é claro, comunicar-se. Novas necessidades enunciativas surgiram e, com elas, novos gêneros. A articulação entre Linguagem e Tecnologia passou a ser, nos últimos dez anos, um fervoroso campo de pesquisa em diversas áreas das Ciências Sociais, como Educação, Comunicação, Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Semiótica Social, Análise de Gêneros e Linguística Textual, sendo as duas últimas às quais nos filiamos.

Nosso objeto de pesquisa aqui será a configuração textual/discursiva complexa dos gêneros discursivos em emergência na *web*, mais especificamente os que circulam em *sites* de redes sociais, como o Facebook. O objetivo, portanto, é investigar as misturas de gêneros que marcam formal e funcionalmente os enunciados que circulam naquele *site* de rede social. Sustentamos a tese de que as práticas de *remix* são a base dos processos de relações entre suportes, gêneros distintos e textos que circulam em *sites* de redes sociais ou aplicativos para comunicação móvel.

## Gêneros discursivos em emergência em ambiente digital

O conceito de gênero discursivo que assumimos está diretamente relacionado ao conceito de língua bakhtiniano, o qual pressupõe que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2009, p. 127).

Vê-se que o autor russo fundamenta sua perspectiva em pressupostos filosóficos e sociológicos, o que o motiva a conceber a língua como um fenômeno, antes de tudo, social, baseada, portanto, na interação, que pressupõe a existência de sujeitos que enunciam. Bakhtin (1988) argumenta que a criação da vida da linguagem se dá a partir de forças eficazes que fazem com que, de um lado, as ideologias verbais sejam unificadas e centralizadas, de maneira que seja assegurado o máximo de compreensão mútua – são as forças centrípetas da língua – e, de outro, haja *dinamicidade da língua*, pois essas forças estratificam-na, descentralizam-na e desestabilizam-na – são as forças centrífugas da língua.

Se a língua é interação, e esta é efetuada por meio de gêneros, então “cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas” (BAKHTIN, 1988, p. 82), ou seja, os gêneros existem exatamente nesse ponto de interseção entre essas duas forças: não é somente a estabilidade que garante o estatuto genérico de um enunciado, mas também sua instabilidade que lhe é constitutiva e é o que possibilita as mudanças por que passam um gênero, a depender das necessidades enunciativas dos sujeitos.

Uma das correntes de estudos de gêneros que têm estudado as relações entre linguagem e mídias é a Sociorretórica (MILLER,

2009)<sup>27</sup>. Entender os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente é estender a noção de gênero para que ela seja “centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação para cuja realização ele é utilizado” (MILLER, 2009, p. 22). É esta a perspectiva de gênero que adotamos aqui.

Aprender um gênero não é simplesmente dominar uma forma e um meio para atingir determinado propósito, mas, sim, verificar até onde podemos ir e como agir em determinadas situações. “Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Como uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural” (MILLER, 2009, p. 44), ou seja, o gênero é, antes de tudo, um artefato sócio-cultural.

A definição de gênero que adotamos nesta pesquisa tem como base as convenções que uma determinada sociedade estabelece para agir em distintas situações recorrentes. Se, com Miller (2009) e Bakhtin (2009), entendemos que os gêneros são artefatos situados sócio-historicamente, será impossível estabelecer uma taxonomia, já que os gêneros mudam, evoluem e deixam de ser usados a partir das necessidades enunciativas de seus usuários.

É sempre bom frisar que os autores supracitados, quando pensaram sobre os gêneros, evidentemente não levavam em conta aqueles que circulam na *internet*. Eis um fenômeno muito recente, de aproximadamente vinte anos, fenômeno para os quais procuramos diferentes perspectivas teóricas que poderiam dar conta do objeto. Crownston e Williams (1997), por exemplo, são pioneiros, ao se debruçarem sobre os gêneros que circulavam na *internet* à época. Os autores propõem o termo “gêneros emergentes” como aqueles que foram pensados e desenvolvidos

---

<sup>27</sup> O trabalho a que fazemos referência teve a primeira edição publicada em 1984.

especificamente para o novo meio, satisfazendo às especificidades da internet. Um exemplo disso seria a *homepage*.

A partir dessa categorização, outros autores, como Sheperd e Watters (1998), Marcuschi (2002) e Santini (2007), também tomaram o termo emprestado para classificar os gêneros em ambiente digital, diferenciando-os dos que circulam fora da *internet*.

Para nós, essa nomenclatura não nos parece suficientemente clara. Entendemos que a emergência é um estágio por que passa todo e qualquer gênero, no seu percurso para a estandardização, estando ele na *internet* ou não. Logo, gêneros hoje já sedimentados, como a conferência acadêmica ou até mesmo o artigo científico, em algum momento de sua história passaram por este momento de emergência, quando suas convenções ainda eram nebulosas e estavam em formação. Então esta característica não é exclusiva dos gêneros que estão na *internet*, afinal, gênero discursivo é gênero discursivo em quaisquer ambientes. Gêneros em emergência, portanto, devem ser entendidos por gêneros que ainda estão em formação, ainda se adaptando às necessidades enunciativas de determinada comunidade.

Este entendimento sobre os gêneros vai ao encontro da concepção de língua adotada por Bakhtin (1988), que entende que os gêneros existem na tensão entre a estabilidade (forças centrípetas) e instabilidade (forças centrífugas) da língua. Na *internet*, tais instabilidades são muito mais latentes, ainda mais considerando a ambiência onde a interação ocorre. É por conta disso que os internautas produzem textos como o seguinte:

Figura 1: Mesclas de gêneros



Fonte:

[https://www.facebook.com/pg/redeesgotodetelevisao/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/redeesgotodetelevisao/photos/?ref=page_internal)

Na figura acima<sup>28</sup>, vê-se que a montagem resgata elementos tanto de uma notícia, publicada no site G1<sup>29</sup>, quanto do desenho animado a Caverna do Dragão. Se, conforme Bakhtin, todo enunciado pertence a um determinado gênero, vemos que este em questão é constituído de maneira bastante complexa: seria um tipo de mescla de gênero (LIMA-NETO; ARAÚJO, 2012) ou, nos dizeres de Miranda (2010), um caso de intertextualização, já que são reconhecidos aqui traços de pelo menos dois gêneros – a notícia e o desenho animado. A grande diferença é que esses textos foram editados e se trabalhou com programas de

<sup>28</sup> Todas as figuras deste trabalho foram coletadas no perfil do Facebook de um dos autores deste artigo, portanto foram memes criados para aquele ambiente específico. À época de sua coleta, não havia a possibilidade de rastreamento da publicação. As fontes aqui colocadas estão em sites variados, mas já são seu segundo berço, uma vez que foram produzidas para viralizarem no próprio Facebook.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/gente-famosa/2014/07/13/304437/susana-vieira-passeia-em-shopping-sem-maquagem>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

computador específicos que possibilitam a montagem. Neste caso, não existe mais uma notícia e nem um desenho animado, pois elas não cumprem exatamente o papel social que ora cumpririam em seus contextos originais; são recortes e edições de um enunciador que tinha um outro propósito, como se os elementos recontextualizados servissem como argumentos para a defesa de um ponto de vista.

Logo se vê, no exemplo, que, para a construção do sentido, é necessário recuperar algumas informações: a primeira é que foi publicada uma notícia sobre Susana Vieira, atriz brasileira, sobre um fato aparentemente corriqueiro. A segunda é que os atores do quadrinho abaixo são seis crianças que tentam voltar ao seu mundo, depois de, num passeio de montanha russa, terem sido teletransportados para um reino numa realidade paralela.

Um dos personagens, ao dizer “Obrigado pela informação! Agora acharemos o caminho de casa”, apoia-se no que foi veiculado pela imprensa para construir uma crítica à qualidade da informação, que de nada teria de relevante para se tornar notícia. A notícia e o desenho deixam de existir para comporem, em conjunto, um único enunciado, com teor argumentativo: uma crítica. Dessa maneira, emerge “uma nova atitude para a fruição de textos, redirecionado para a ‘reutilização’, [e] a prática da recontextualização produz efeitos retóricos que moldam o caminho que o significado é construído” (ADAMI, 2011, p.3)<sup>30</sup>. Trata-se de um processo de *remix*.

## **Dos processos de *remix***

Quando pensamos em gêneros que circulam em sites de redes sociais, vê-se exatamente como tais forças agem, principalmente as centrífugas da língua, que operam bruscamente diante da maleabilidade do ambiente e da busca por novas

---

<sup>30</sup>Nossa tradução de: “a new attitude toward the fruition of texts, reshaped toward ‘re-use’,<sup>2</sup> the practice of recontextualization produces rhetorical effects that shape the way meaning is made” (ADAMI, 2011, p.3).

configurações textuais e genéricas possibilitadas tanto pela criatividade e inventividade dos interlocutores quanto pelas potencialidades enunciativas dos suportes.

Um dos conceitos que nos ajudam a entender isso é o de *remix*, que nos permite um frutuoso caminho de trabalho com gêneros que circulam em ambientes digitais. Com base em Knobel e Lankshear (2008), entendemos o *remix*, portanto, como um processo e método criativo, ligado diretamente às práticas sociais, e consiste em combinar certos elementos culturais, que podem ser de variadas fontes, e manipulá-los (consciente ou inconscientemente), o que pode levar, em tempo variado, a um produto mesclado ou novo.

Como pensamos num conceito amplo de *remix* aqui, salientamos que não se trata de uma prática nova. Pelo contrário, ela é tão antiga quanto o é o material humano. Sociedades antigas, como os romanos, por exemplo, mesclaram formas e ideais artísticos gregos para construir seus próprios traços; na arquitetura, é hábito mesclar estilos e estruturas básicas para criar novos conceitos, enfim, é da natureza humana mesclar, hibridizar, *remixar*.

Os mesmos princípios podem ser aplicados à linguagem e, por conseguinte, aos gêneros. Se ajustarmos a lupa para aqueles que circulam na internet, tem sido uma constante que

Graças à ampla disponibilidade de dispositivos digitais para a comunicação cotidiana e representação, a produção de textos através da seleção e recontextualização de outros textos passou de gênero produzido por profissionais (muitas vezes artistas) para a prática semiótica cotidiana, em todos os modos, contextos e - possivelmente - em muitos gêneros. (ADAMI, 2011, p. 3)<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Nossa tradução de: “Thanks to the widespread availability of digital devices for everyday communication and representation, the production of texts through selection and recontextualization of other texts has turned from genre produced by professionals (often artists) to everyday semiotic practice, in all modes, contexts and – possibly – in many genres”.

Para que esses gêneros sejam produzidos e circulem, dependem de um intrincado conjunto de dispositivos digitais, os quais exigem uma série de letramentos e técnicas específicas (como recortar, copiar, colar). O produto, portanto, tende a se constituir por enunciados cuja configuração textual e discursiva ainda estão em emergência, já que muitos são fruto de um processo de remix. Vejamos como isso funciona no *Facebook*.

### **Das configurações textual/discursivas complexas de gêneros em emergência do *Facebook***

De nosso *corpus*, extraímos quatro exemplos de diferentes configurações, mas que seguem dois critérios: primeiro, todos tinham de ter, pelo menos, 50 compartilhamentos e 50 curtidas. Esta condição se justifica pelo fato de, ao “compartilhar” e ao “curtir”<sup>32</sup> algo, o interagente da rede reconhece e propaga uma determinada prática, o que faz com que ela circule socialmente e possa entrar em emergência. Segundo, todos precisavam apresentar traços de pelo menos dois gêneros em sua configuração, marcando o que chamamos de mesclas de gêneros.

Os processos de *remix* por que passam determinadas práticas discursivas no Facebook acabam reverberando em produtos que circulam na rede que são consumidos pelos usuários e propagados a curto e médio prazo. Com isso, em longo prazo, pode-se estabelecer uma recorrência de elementos formais, funcionais, pragmáticos e sócio-historicamente situados, que supõe tratar-se de um gênero. Vejamos:

---

<sup>32</sup> O “compartilhar” é uma ferramenta utilizada pelos usuários para propagar determinadas mensagens na rede. Elas podem estar disponíveis em diferentes graus de interação – pode ser tanto pública, para todo e qualquer usuário do Facebook, quanto para somente o próprio dono da conta –, a depender das restrições que o usuário faz em suas configurações de compartilhamento. Já a ferramenta “curtir” é uma ferramenta que indica se uma postagem agradou ou não um determinado usuário.



Figura 2: Meme sobre professores



Fonte: <https://pesquisafacebook.wordpress.com>

Este texto é representante de um grupo de textos claramente humorísticos que circularam no Facebook durante uma das etapas de coleta do *corpus*, entre 2012 e 2013. Sua tipificação se realiza, no plano contedístico e no formal, da seguinte maneira: no primeiro, em geral, ele apresenta diferentes pontos de vista sob um mesmo objeto/evento, além de trazer situações do cotidiano; no segundo, tais pontos de vista são demonstrados formalmente em quadros distintos, fruto de um usuário da rede que domina programas de editor de imagens, como *Photoshop*, ou seja, suas condições de produção passam por um processo de *remix*. Quanto à perspectiva enunciativa, ora ele se apresenta sob o ponto de vista do enunciador (“o que **meus** amigos pensam”; “como **me** vejo”), ora sob o ponto de vista de uma terceira pessoa (“como o governo me ve”), mas sempre com o intuito de mostrar ao leitor perspectivas distintas frente a um mesmo objeto.

Quanto à perspectiva formal, o texto se organiza em quadros, relembrando muitos gêneros que se organizam da mesma

maneira, como as HQ, fotonovelas, tirinhas etc. A tendência da cultura ocidental é realizar a leitura de cima para baixo e da esquerda para direita, o que ainda corrobora com esses gêneros de onde possivelmente este texto buscou inspiração. Mesmo assim, não podemos considerar este texto como pertencente ao gênero HQ ou tirinha, por exemplo. Sequer um nome exato os usuários têm dado<sup>33</sup>, o que parece marcar também um indício de emergência. Mas isso provavelmente não importa: os padrões formais e funcionais buscam estabilização, atendendo às forças centrípetas da língua. Textos que se organizam dessa maneira, com propósitos bem delimitados, parecem pertencer a um gênero que busca uma identidade: parece ser um caso de emergência genérica.

**Figura 3: Hino dos Estados Unidos na Copa do Mundo de 2014**



Fonte: <http://achadosdamari.com.br/2014/06/18/os-memes-de-hinos-das-selecoes-na-copa-do-mundo-2014/>

O texto em tela também foi resultado de um processo de *remix* e circulou durante a Copa do Mundo no Brasil, em 2014. A imagem mostra um recorte de uma transmissão televisiva de uma

---

<sup>33</sup>A tendência é chamar de *memes*.

das partidas da seleção dos Estados Unidos no mundial. No Brasil, durante a execução dos hinos, a empresa televisiva responsável pela transmissão dos jogos – no caso, a Rede Globo – colocava na tela a tradução dos hinos. Não se trata de uma foto retirada de algum meio jornalístico, mas sim da técnica de *printar* a tela enquanto a transmissão era realizada. Percebe-se isso também por elementos multimodais, como os olhos fechados dos jogadores, a imagem embaçada do jogador da direita e os cabelos esvoaçantes do jogador em primeiro plano, características que não apareceriam numa foto para uma matéria, que passa por um rígido processo de seleção.

Depois, a partir de programas de computador de edição de imagens, o enunciador mudou a tradução original do hino e retomou um antigo *jingle* de um anúncio do McDonald's, remetendo a um elemento cultural tipicamente americano. É claro que, para a construção do sentido, essa retomada se dá por elementos intertextuais e exige do leitor essa recuperação. Mas o que queremos mostrar é que, a partir do momento em que a imagem foi recortada, editada e incluída num outro meio, a *internet*, deixou de ser o gênero original e ganhou contornos claramente humorísticos, cujo propósito era o de provocar o riso. Trata-se de um texto pertencente a um gênero humorístico (não sabemos exatamente qual é), mas tem-se um discurso do humor predominante. Eis também um produto de processos de *remix*.

Um outro padrão textual que circulou com muita intensidade no Brasil entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015 foi o seguinte:

Figura 4: Evento no Facebook

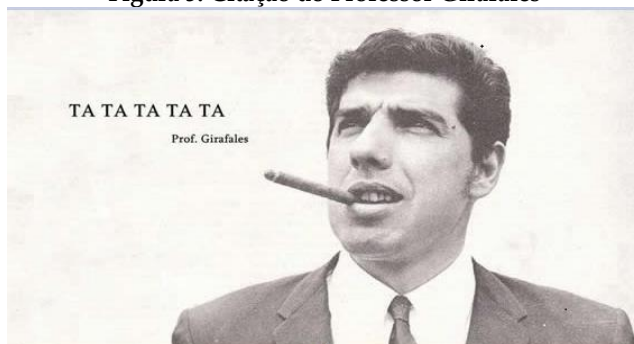


Neste texto, preservamos a identidade do usuário por ser uma informação relevante. Chama a atenção uma mescla de gêneros aqui desenvolvida: o *evento do Facebook* é uma ferramenta pensada pelos programadores da empresa para programação de eventos dos seus usuários. Quando da criação de um, o internauta pode convidar as pessoas pelo próprio *site*, as quais têm opção de aceitar ou recusar o convite. Logo, este gênero ficou bem marcado no *site*, até o momento em que estes formatos textuais começaram a circular na rede. O elemento mais recorrente, no plano formal, é a imitação perfeita da ferramenta de eventos do Facebook. No plano funcional, estão o conteúdo, como eventos impossíveis de ocorrer, como “Festa em Marte” ou “Ir ver o filme do Pelé com tudo pago pelo Seu Barriga”; as datas de acontecimento muito distantes das postagens, como em “2025, 2050 etc.” e o propósito comunicativo, que pode ser tanto humorístico quanto crítico. Agora a aceitação dos participantes é real – também uma imitação funcional da ferramenta.

No exemplo em tela, os “eventos” foram tão propagados no Facebook que criou-se mais um: “Não sei mais em qual evento

confirmando presença”, cuja aceitação ultrapassou as 174 mil pessoas. Vê-se que, embora o propósito seja o de convidar, os usuários sabem que esta função social não será cumprida, pois o discurso aí é marcadamente humorístico. Eis, então, uma mescla de gêneros: há traços do convite e da piada também, e os padrões funcionais desta última são dominantes. Observemos os próximos exemplos que também apresentam o discurso humorístico.

**Figura 5: Citação do Professor Girafales**



Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/551831760576323145/>

**Figura 6: Citação de Dercy Gonçalves**



Fonte: <http://perolas.com/grandes-pensadores-do-perolas-parte1/>

Figura 7: Citação de Silvio Santos



Fonte: <http://perolas.com/grandes-pensadores-do-perolas-parte1/>

Nos textos acima, a condição de produção do gênero também é marcada por um processo de *remix*, em que é perceptível o propósito de despertar o riso por meio do humor. Para acompanhar o elemento verbal, há um elemento semiótico importante – a cor de fundo–, quando aparece tanto o branco quanto o preto, e, além disso, a foto do autor, que instiga um aspecto de seriedade do enunciado. Para isso, é utilizado um bordão ou uma fala que marca um determinado personagem público, seja ele real (Silvio Santos e Dercy Gonçalves) ou fictício (personagem Professor Girafales, interpretado pelo ator Rubén Aguirre), o que constitui um traço intertextual.

Nestes exemplos, os sujeitos podem perceber tais relações intertextuais, por meio da citação e da paródia, a ponto de haver quem atribua ao gênero tais termos como forma de nomeá-los. Há também outros recursos multimodais em sua composição que contribuem para levar ao riso e, no contexto do *Facebook*, em específico, fez sucesso com os mais diversos personagens, desde celebridades da televisão brasileira, como Silvio Santos, Dercy Gonçalves e Ana Maria Braga, até personagens de seriados, como o professor Girafales, de *Chaves*; ou de filmes, como o Hulk.

Cada uma dessas personalidades e/ou personagens traz um enunciado que lhe é peculiar, exatamente o que vem marcado entre aspas. O valor pragmático como ação social considerado nesses textos, portanto, é o de causar o riso, o que é realizado por

meio de duas estratégias: a de tentar reproduzir elementos multimodais utilizados em situações de teor mais sério, nas quais temos, então, a fotografia em destaque com fundo preto ou branco; e a paródia minimal, marcada pelo resgate de um bordão de um personagem e inserção dele em outro contexto, que, nesses casos, seria o de uma rede social.

Por fim, trazemos o seguinte texto:

Figura 5: Crítica

**COMO ESSA FOTO SERIA NOTICIADA NA:**

**veja** PETISTA TORTURA FILHO DE DEPUTADO TUCANO ENQUANTO PRATICA ZOOFILIA.

**HOJE** CRIANÇA É ABDUZIDA POR ALIENÍGENAS E PAI É SALVO POR CACHORRO.

**Globo** VÂNDALO É VISTO JOGANDO CRIANÇA EM PATRIMÔNIO PÚBLICO, CACHORRO TENTA IMPEDIR MAS É MORTO.

**RECORD** MILAGRE: CRIANÇA É VISTA SENDO ARREBATADA POR DEUS ENQUANTO O CÃO DO DIABO TENTA LEVAR SEU PAI PARA O INFERNO.

**"AS PESSOAS ACREDITAM NO QUE ELAS QUEREM ACREDITAR." O PODER DA VERDADE**

Fonte:

<http://www.extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=22&t=14376&st=0&sk=t&sd=a&start=80>

Além de gêneros humorísticos, há gêneros que circulam no Facebook também com um viés político-ideológico. Interessa-nos aqui os processos de *remix* envolvidos na composição textual, que levam a um padrão híbrido: vê-se um texto desenvolvido em programas de edição de imagens, já que a imagem analisada pelo enunciador – a de um homem com seu suposto filho

e um cão – foi escolhida habilmente para sustentar a tese de que a mídia brasileira é tendenciosa.

Para fazer isso, o enunciador organiza o texto com a figura que serviria teoricamente para a manchete de quatro meios

jornalísticos brasileiros de um lado e, de outro, as possíveis manchetes da Revista Veja, do Jornal Meia Hora, da Rede Globo e da Rede Record.

Para estas construções, o enunciador recorre ao pastiche, uma estratégia intertextual que se caracteriza por ser “a imitação de um estilo desprovida de função satírica” (GENETTE, 2010, p. 37). A Veja que, no Brasil, assumiu uma ideologia diretamente oposta à do governo que esteve no poder de 2003 até 2016, tende a publicar em suas capas matérias que denunciam atitudes de pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores. Portanto, o enunciador, sabendo dessa característica, sugere que uma possível análise da fotografia poderia ter a seguinte capa nesta revista: *“Petista tortura filho de deputado tucano enquanto pratica zoofilia”*, apontando principalmente para um culpado – petista, do governo – e uma vítima – deputado tucano, partido da oposição, o PSDB, apoiado pela revista. Note que é atribuído ao possível partidário do governo características negativas, com clara finalidade de ferir a imagem do partido e, por conseguinte, do governo, como *“tortura”* e *“zoofilia”*.

Quanto ao Jornal Meia Hora, do Rio de Janeiro, que tende a ser sensacionalista, a possível imagem da figura seria a abdução de um bebê por alienígenas – ato polêmico não comprovado cientificamente no mundo, apenas sugerido principalmente por ufólogos. O sensacionalismo se dá exatamente pela certeza do meio televisivo em apontar que se trata de um caso de abdução. Já a Rede Globo, segundo o enunciador, atribuiria a manchete *“Vândalo é visto jogando criança em patrimônio público, cachorro tenta impedir, mas é morto”*, fazendo uma clara remissão a possíveis apurações facilmente contestáveis da emissora ou minimamente duvidosas. Esta acusação tem constantemente sido atribuída à Globo em diferentes redes sociais, além de buscar também mostrar a parcialidade deste meio de comunicação. Por fim, a Rede Record, emissora cujo viés ideológico é religioso, já atribuiria uma manchete com este teor: *“Milagre: criança é vista*



sendo arrebatada por Deus, enquanto o cão do diabo tenta levar seu pai para o inferno”.

Em suma, o que se vê aqui é o deslocamento de uma imagem do seu contexto original para um outro – portanto uma recontextualização –, a sua edição, a partir de programas de edição de imagens, e o *link* da imagem às possíveis interpretações da mídia brasileira, tudo isso para sustentar a tese, implícita, que diz que os meios de comunicação não são imparciais como deveriam. A tese ainda é corroborada pelo texto em destaque do autor: “As pessoas acreditam no que elas querem acreditar”.

O que queremos mostrar é que textos produzidos sob essas condições têm sido muito recorrentes do *Facebook*, embora os processos de produção sejam variados. Assumimos que esses textos estão sendo organizados em estruturas formais e funcionais ainda maleáveis, não reconhecidas por muitos sujeitos que não têm conta no *site Facebook*, mas que ali circulam há meses com muita propriedade e são consumidos pelos integrantes da comunidade virtual. Todos esses exemplos aqui mostrados são, para nós, gêneros discursivos – afinal não há texto sem gênero –, mas que se encontram num estágio ainda anterior à standardização, portanto os chamamos de gêneros discursivos em emergência. Pelo fato de ainda estarem nesse estágio, já apresentam muitos elementos recorrentes – exatamente o que os caracterizam como gêneros – mas também outros elementos ainda em desenvolvimento, em fase de afirmação.

Um dos exemplos disso é o de sempre se imitar formatos de outros gêneros ou de recontextualizar determinadas características, tudo em busca da standardização. O fato é que, num ambiente maleável como a *internet*, é possível que essa afirmação da identidade genérica talvez nunca chegue, por pura falta de tempo de vida do gênero. Mas essa já é uma outra discussão.

## Considerações finais

Neste trabalho, trazemos como objetivo o de investigar as misturas de gêneros que marcam formal e funcionalmente os enunciados que circulam no site de rede social Facebook. Com base num conceito de gênero da sociorretórica, que o entende como uma ação social, atrelado aos pressupostos bakhtinianos de que a língua é movida tanto por forças centrípetas quanto por centrífugas, sustentamos a tese de que as práticas de *remix* são a base dos processos de relações entre suportes, gêneros distintos e textos que circulam em sites de redes sociais ou aplicativos para comunicação móvel.

Nosso intuito foi mostrar que muitos dos gêneros que ali circulam ainda estão num estágio de emergência, ou seja, estão num momento em que os enunciados ainda estão se formando e em busca de uma identidade na sociedade e na comunidade onde ele funciona. Essa emergência se dá também pelos usos da linguagem atrelados às novas tecnologias, as quais ainda são muito novas – considerando que a internet, desde sua popularização, tem pouco mais de vinte anos. É natural, portanto, que, num ambiente volátil e maleável como a internet, o usuário da língua se utilize do seu potencial interativo para instabilizar muitos usos, criando, inclusive, novas formas de se relacionar com o outro e com o mundo. Uma dessas maneiras é através de práticas de *remix*, cujo princípio, embora pertença à natureza humana, é utilizado de maneira muito funcional pelos usuários da língua, já que, na elaboração de textos, se utiliza de uma série de letramentos e de técnicas (como copiar, colar, editar etc.) para construir sentido no mundo. Isso pode fazer emergir novos gêneros.

## Referências

- ADAMI, E. Mashing genres up, breaking them down: habitus and literacy in the age of copy-and-paste. **Anais do VI Siget**, Natal-RN, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CROWNSTON, K.; WILLIAMS, M. Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide Web. **Proc. of the 30 Hawaii Intern. Conf. on System Sciences, USA**, 1997.
- GENETTE, G. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Trad: Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda, Miriam Vieira. Edições Viva Voz: Belo Horizonte, 2010.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Remix: the art and craft of endless hybridization. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, 52 (1), pp. 22-33, 2008.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LIMA-NETO, V.; ARAÚJO, J. Por uma rediscussão do conceito de intergenericidade. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, p. 273-297, 2012. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/1201/120111.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. 50ª Reunião do GEL, USP, São Paulo, p. 1-47, 2002. Disponível em: <<http://migre.me/eg4ij>>. Acesso em: 20.04.2013.
- MILLER, C. Gênero como ação social. In: \_\_\_\_\_. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, p. 21-44, [1984] 2009.

MIRANDA, F. **Textos e géneros em diálogo**: uma abordagem linguística da intertextualização. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2010.

SANTINI, M.Characterizing genres of Web Pages: genre hybridism and individualization. **Proceedings of the 40<sup>th</sup> Hawaii International Conference on System Sciences**, 2007.

SHEPERD, M.; WATTERS, C. The Evolution of Cybergenres. **31st Hawaii International Conference on System Sciences**. Ed. Ralph H. Sprague, Jr. Maui: IEEE Computer Society Press, p. 97–109, 1998.